



MUSSANE, Celso

Memórias de um Caçador de Lixo.

*A Mafalala e os bairros suburbanos de Maputo
sob domínio colonial português,*

Lisboa, Fora do Jogo, 2025, 123 pp.

ISBN 9789893598122

Rodrigo Domenech

“Quem pode esquecer o tempo que se passou?” Com esta pergunta retórica e as suas variantes, frequentes no léxico anti-colonial moçambicano do pós-independência, Celso Mussane persegue durante todo o seu *Memórias de Um Caçador de Lixo* um mundo suburbano da então Lourenço Marques (atual Maputo) das décadas de 1960 e 1970, repleto de personagens individuais e coletivas, afetos, ambientes e materialidades. Apresentando um imaginário memorial recheado de vida topográfica, convida-nos a passear por ruas, lojas e edificações de uma cidade que ainda ali reside, embora em grande medida já não exista. Consciente da sua própria voz, imersa em recordações do que Cahen (1995) denominou “tradição oral colonial” ou “memória colonial”, é nesse espaço-tempo e nessa específica paisagem que o relato do autor se desenvolve, o que dá força à sua narração ao mesmo tempo em que circunscreve as suas limitações.

Celso Mussane é-nos apresentado, no início do livro, como um pastor moçambicano da igreja Assembleia de Deus e teólogo formado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, no Brasil.

A partir da sua perspetiva individual, a sua obra procura “contar uma história sem substituição” (p. 120), instigando-nos a olhar para os homens do Conselho Municipal, que transportavam excrementos aos ombros, em relações de vida e trabalho que hodiernamente podem ser definidas como “análogas à escravidão”. A edição lançada em 2025 pela Fora de Jogo foi antecedida por uma outra publicada em Portugal em 2022 pela editora Outro Modo.

Esta nova edição diferencia-se da anterior pela introdução mais alargada, escrita por Nuno Domingos, e pela inserção de mapas e de fotos da época, retiradas nomeadamente do jornal *A Tribuna*, o que dá mais vivacidade ao relato do autor. Ambas são produtos organizados por Nuno Domingos e Mário Cumbe, com base em duas obras anteriores publicadas em Moçambique por Celso Mussane: *Mafalala e os Assimilados que não Conheceram Lisboa* (2019) e *O Sipaiô Polícia Colonial em Mafalala* (2020). Delas, contudo, só conhecemos a história da sua publicação por meio da indicação dos organizadores: Nuno Domingos, que nos apresenta na introdução um misto

de nota editorial, enquadramento histórico e debate crítico, e Mário Cumbe, que mobiliza a sua própria experiência naquele subúrbio colonial.

Embora o livro se situe dentro do amplo e explosivo panorama de obras de carácter memorialístico do século XXI em solo africano (Chaves, 2019), mais do que uma autobiografia ou um testemunho pessoal, insere-se num campo diverso e cada vez mais comum do relato memorial não-ficcional, o que indica não só o caminho da sua narração como também delimita o âmbito reflexivo pelo qual se movimenta. Dentro desse ramo literário, a obra de Celso Mussane fica longe da potência narrativa, histórica e estilística de outros livros do género em África, como, por exemplo, *Muito Longe de Casa. Memórias de um menino-soldado*, de Ishmael Beah (2015), *Sonhos em Tempo de Guerra. Memórias de infância*, de Ngugi wa Thiong'o (2015), ou mesmo a obra de Scholastique Muka-songu, da qual o impressionante e aterrorizador *Baratas* (2024), tardiamente editado em Portugal, talvez seja o principal marco.

Essa comparação, diga-se, carrega alguma injustiça, já que esses autores tratam um evento condutor, como a guerra. Nessa perspectiva, em terreno moçambicano, os livros “memoriais” com focos temáticos específicos, como os massacres ocorridos durante as diversas guerras que assolaram a população do país, têm recebido uma maior atenção dos leitores e da crítica. Entre esses, para além de grande interesse histórico, alguns apresentam uma ótima qualidade

narrativa, como o relato de Hassane Armando (2018) em *Tempos de Fúria*, a respeito do massacre de Homoine.

O *Memórias de um Caçador de Lixo*, não obstante, enquadra-se entre os melhores relatos memoriais moçambicanos, destacando-se, por exemplo, do grande volume de obras (auto)biográficas de “antigos combatentes” da luta de libertação colonial, que são, no geral, com inegável interesse histórico, centradas na construção da vida dos autores e nas suas participações na luta até à independência, perdem em desenvolvimento textual e em diversidade temática – os livros de José Moiane (2009) e João Pelembe (2012) são exemplos paradigmáticos. O facto de a obra de Mussane não ser uma autobiografia, como já referi, para a qual nos faltam importantes fases e eventos da sua vida, configura-se ao leitor um ganho. Uma das suas virtudes é justamente tratar-se de um relato de aspetos de uma vida quotidiana suburbana inscrita num tempo delimitado, os últimos anos do período colonial português em Moçambique, centrado na sua personagem, porém que a ultrapassa, revelando mais daquele mundo e de uma experiência que é sua, mas também a da vida de muitas outras pessoas, como salienta Mário Cumbe na sua introdução ao texto de Mussane (pp. 23-31). Essa experiência, obviamente, não pode ser reduzida ao crivo do “colonial” – o que retiraria qualquer agência à população local, inclusivamente a do autor –, porém, não escapa à lógica de uma específica “situação colonial” (Balandier, 1993 [1951]).

Nessa perspectiva, o livro “memorial” de Mussane centra-se na formulação de um certo passado por meio da trajetória de um indivíduo, numa narrativa estreita, e esta emaranha-se nas suas visões daquele contexto, mobilizando uma sugestiva crítica às intempéries do dia a dia daqueles que, como salienta o autor, eram sempre “os pretos” e nunca “os negros” (p. 43), numa cidade colonial racializada e repressiva. Se, em alguma medida, aquela Lourenço Marques era considerada uma “cidade limpa”, o autor não nos deixa esquecer a pergunta que segue àquela afirmação: “quem limpava a cidade?” (p. 69).

Contudo, as “memórias” do “caçador de lixo” a que se refere o título da obra, sinalizando o curto período da juventude do autor durante o qual trabalhou nas lixeiras da cidade, que se supõe amiúde localizar-se entre os seus 7 e 15 anos de idade, aparecem pouco elaboradas no decorrer da sua narrativa: uma lacuna, não há dúvida, assim como a falta de dados sobre outras suas sociabilidades e formações pessoais, como a sua relação com o cinema, apenas citada. O texto do autor, na verdade, insere-se num contexto mais amplo dado pelo subtítulo *A Mafalala e os bairros suburbanos de Maputo sob domínio colonial português*, ausente da capa desta edição reorganizada e republicada pela Fora de Jogo (2025). É essa a linha a partir da qual o autor mobiliza a sua reflexão de um “tempo colonial” repleto de lugares – físicos, sociais, políticos – inscritos naquela geografia urbana do subúrbio da capital moçambicana e, mais especificamente,

do bairro da Mafalala, onde cresceu. Entre o cimento e o caniço, frequentado por políticos, conhecido como o espaço de artistas, como José Craveirinha, e desportistas, como o mundialmente reconhecido jogador de futebol Eusébio – o que lhe conferiu uma “memória pública” contemporânea demasiado enviesada, como sinaliza Nuno Domingos (p. 13) –, o bairro da Mafalala foi também, sublinha o autor, “um inferno” (p. 40) para quem ali estava para ganhar a vida.

Fincada na Lourenço Marques colonial dos seus primeiros 18 anos de vida – os últimos 18 de colonialismo português em Moçambique –, a sua narrativa produz um contraponto às profundas transformações que a cidade passava na altura, alvo prioritário de investimentos massivos em desenvolvimento económico e infraestruturas, no contexto do que a literatura académica tem enquadrado como período tardo-colonial moçambicano (Castelo *et al.*, 2012). Nesse período, as reformas “ultramariñas” capitaneadas por Adriano Moreira em 1961 formalmente aboliram tanto as “colónias portuguesas” como as divisões internas legalmente estabelecidas, como entre “europeus” e “não europeus”, no bojo dos processos de descolonização do pós-II Guerra. Não propiciaram, contudo, uma considerável melhoria nas condições de vida daquela população africana então enquadrada como “indígena”. Pelo contrário, aos locais cabia a obrigação do trabalho e o pagamento de impostos – como o imposto da palhota, cobrado numa grande área da cidade pelo Sr. Kock, eminente figura

colonial (p. 75) –, o que suscita ao autor uma visão crítica daquele regime.

O cenário suburbano traçado por Mussane foca-se, então, nessa cidade colonial definida também pela injustiça e pela repressão, repleta de rusgas, sipaios, figuras da PIDE, como “Chico Feio”, e forças policiais especiais, como a Polícia de Choque. Nela age de forma ininterrupta a PSP (Polícia de Segurança Pública), referida reiteradamente pelo autor como a “polícia só apanha pretos”. Se esse recurso estilístico se torna cansativo logo na segunda alusão – onde o leitor já percebe o seu intuito –, marca também uma vida quotidiana capturada por uma rotina circular de medo, violência e desconfiança, na qual todos andam sozinhos e não se tem vizinhos, muitas vezes até na morte e no anonimato da vala comum (pp. 101-103). Essas relações eram trespassadas pela discriminação racial até nos bancos da igreja, nos quais africanos adultos eram denominados como “raparigas” e “rapazes” (p. 96).

A Lourenço Marques colonial também é delineada pelo seu quotidiano de trabalho, sendo no centro da administração portuguesa que um vasto conjunto de pessoas tentava fazer a sua vida. Muitos chegavam recrutados para o *chibalo* (trabalho forçado), oriundos de províncias como Gaza e Inhambane – era principalmente deles a obrigação de recolher o lixo, num regime de “escravatura urbana no tempo colonial” (p. 35). Nesse sentido, a cidade é o lugar de corpos coloniais, colonizados e colonizadores, por vezes bem definidos, como na divisão entre os “europeus” e os “não-europeus”,

mas não necessariamente fechados pelo autor em representações estáticas, o que garante aos leitores uma diversidade de personagens, grupos e categorias sociais e profissionais próprias daquele universo colonial: mulheres, homens, *machanganas*, *marrongas*, assimilados, órfãos, mestiços, *bitongas*, etc.

Não obstante, cabe ressaltar que o objetivo do autor não foi necessariamente retratar essa multiplicidade. De outro modo, no final da obra sublinha que, mais do que seu, esse seria o papel da ciência histórica, instigando os novos investigadores a irem mais fundo na vida nos subúrbios da época colonial, “lugares da cidade dos negros, designados de pretos, sem pátria na sua própria pátria” (p. 123). Nessa linha, por exemplo, o seu relato, por vezes emocionado, podia ter revelado mais da participação do seu pai nas agitações anticoloniais da altura. Assumindo durante todo o livro uma narrativa crítica sobre a Lourenço Marques colonial que conheceu e na qual viveu e uma visão referenciada pelo discurso unificador e nacionalista do pós-independência – contraposto a um colonialismo divisor – em torno de “moçambicanas e moçambicanos”, Mussane nada nos diz sobre as profundas mudanças na cidade de Lourenço Marques metamorfoseada em Maputo dos primeiros anos de independência (1975-1983), período em que “não se falava de política e religião” (p. 39), temas que sempre o levaram a temer a escrita. Nessa direção, embora Mussane levante no final da sua reflexão muitas perguntas necessárias (pp. 121-122), também não

nos entrega nenhuma linha sobre o seu contemporâneo bairro da Mafalala que continua “no oculto” (p. 121), situação que causa transtorno e revolta nos habitantes mais pobres de Maputo.

No âmbito da investigação científica, entretanto, é de grande valor o material que oferece aos investigadores sobre a vida do dia a dia nos bairros suburbanos coloniais – em especial a Mafalala –, ao colocar luz, por exemplo, sobre as vidas daquelas mulheres sujeitas à violência e às duras condições de sobrevivência da altura. Desta feita, não nos cabe cobrar um relato complexo e analítico dos subúrbios da Lourenço Marques daquela época ou a ela posteriores, o que seria, no mínimo, querer reivindicar “memórias” que o autor não sinaliza ter ou querer falar, obrigando-o a contar outras “histórias”, ao realizar uma narrativa memorial que não é a sua. Isto tirar-lhe-ia o que de mais potente há no seu relato: a experiência solidificada no quotidiano ou, pelo menos, aquela significativamente escolhida pelo narrador para se metamorfosear em vivências perduráveis, capazes de serem transmitidas, na linha da reflexão de Benjamin (1989 [1939]). Nesse sentido, *Memórias de um Caçador de Lixo* oferece um tipo particular de experiência pessoal e coletiva, a ser dimensionada e contextualizada, puro sumo para as investigações socio-históricas, enriquecendo-as. E, em certa medida, ao mostrar as relações que põem excrementos nos ombros dos homens, dá materialidade e uma imagem concreta (talvez não tão sólida) ao colonialismo português em Moçambique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALANDIER, G. (1993 [1951]), “A noção de situação colonial”. *Cadernos de Campo* (São Paulo), 3 (3), pp. 107-131. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v3i3.p107-131>.
- BENJAMIN, W. (1989 [1939]), “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In W. Benjamin, Charles Baudelaire: *Um Lírico no Auge do Capitalismo* (trad. J.M. Barbosa e H.A. Baptista). São Paulo: Brasiliense.
- CAHEN, M. (1995), “O contexto político-documental da investigação em história contemporânea lusófona”. *Arquivo: Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, 17 (abr. 1995), pp. 51-80.
- CASTELO, et al. (ed.) (2012), *Os Outros da Colonização*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- CHAVES, R. (2019), “Autobiografias em Moçambique”. *Revista de História*, 178, pp. 1-22. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2019.143657>.
- MOIANE, J.P. (2009), *Memórias de um Guerrilheiro*, [s.l.], King Ngungunhane Institute.
- PELEMBE, J.F. (2012), *Lutei pela Pátria. Memórias de um Combatente da Luta de Libertação Nacional*, Maputo, Edição do autor.

Esta recensão foi revista por Bruna Sousa no âmbito do estágio curricular do Programa em Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DOMENECH, R. (2026), *Recensão “Memórias de Um Caçador de Lixo. A Mafalala e os bairros suburbanos de Maputo sob domínio colonial português*, Lisboa, Fora de Jogo”. *Análise Social*, 259, LXI (2.º), e41616. DOI: <https://doi.org/10.31447/41616>.

Rodrigo Domenech » rodrigo.souza@edu.ulisboa.pt » Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa » Avenida Professor Aníbal Bettencourt, 9 – 1600-189 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0002-4673-286x>.
